

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS**

ANA GLEICIA SANTANA

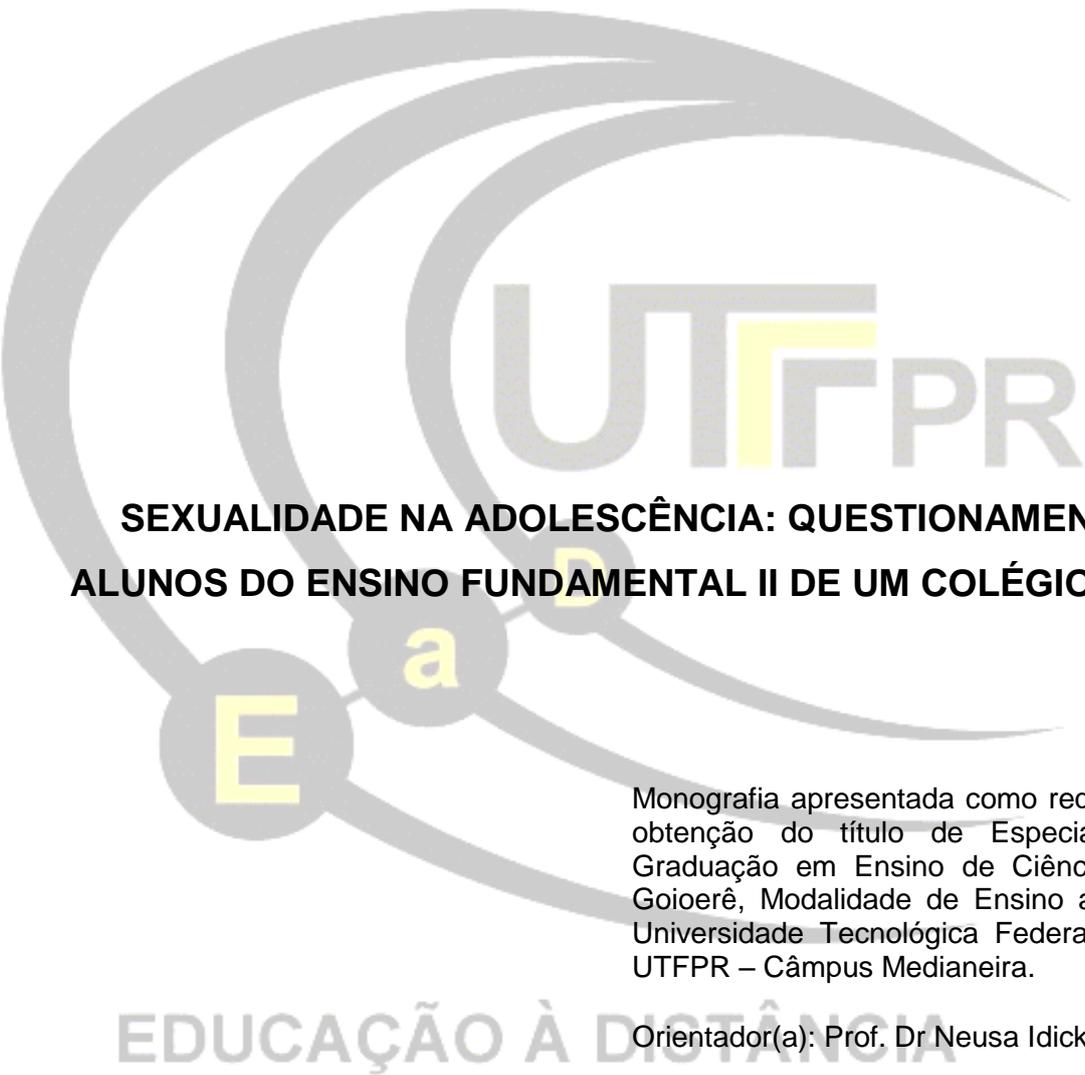
**SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: QUESTIONAMENTOS DE
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE UM COLÉGIO PÚBLICO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2015

ANA GLEICIA SANTANA



**SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: QUESTIONAMENTOS DE
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE UM COLÉGIO PÚBLICO.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Ensino de Ciências – Pólo de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Dr Neusa Idick Scherpinski

MEDIANEIRA

2015



TERMO DE APROVAÇÃO

Título da Monografia

Por

Ana Gleícia Santana

Esta monografia foi apresentada às 9 h do dia 05 **de Dezembro de 2015** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Ciências – Pólo de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi argüido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Me. Neusa Idick Scherpinski
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr. Adelmo Lowe Pletsch
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Dr. Saraspathy Naidoo Terroso Gama de Mendonça
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram em todos os meus projetos, me incentivando a nunca desistir e buscar sempre o melhor em tudo.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora professora Dra. ou Me. *Neusa Idick Scherpinski* pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Ensino de Ciências, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Aprendi que mais vale lutar do que recolher dinheiro fácil. Antes acreditar do que duvidar”. (CORALINA, Cora)

RESUMO

SANTANA, Ana Gleicia. **Sexualidade na adolescência: Questionamentos de alunos do ensino fundamental II de um colégio público**. 2015. 48p. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2015.

O presente trabalho intitulado Sexualidade na adolescência, teve como objetivo identificar os principais questionamentos dos adolescentes sobre orientação sexual. Participaram 103 alunos, de ambos os sexos e idade entre 11 e 14 anos, do 6º, 7º, 8º e 9º ano de uma escola pública do interior do Paraná. Para o desenvolvimento do projeto foi feita uma pesquisa qualitativa, como ferramenta para a coleta de dados de forma criativa e dinâmica, através de uma entrevista estruturada utilizando de caixinhas, onde após uma breve introdução ao tema os alunos individualmente escreveram suas dúvidas e depositou-as nas caixinhas. Os principais questionamentos observados foram de 20% sobre masturbação, 35% sobre menstruação, 18% sobre virgindade, 12,6% sobre gravidez, 6% sobre puberdade, 13% sobre doenças sexualmente transmissíveis, 6% sobre dificuldades de relacionamento, 6% sobre primeira relação sexual e 5% sobre dificuldades de diálogo com os pais entre outros temas. Através desta pesquisa conclui-se que os adolescentes têm muitas dúvidas sobre sexualidade biológica e falta a participação dos pais na orientação sexual dos adolescentes e estas deficiências no relacionamento familiar causam inseguranças e dúvidas nos mesmos.

Palavras-chave: Adolescentes. Sexualidade. Dúvidas. Pais. Escola.

ABSTRACT

SANTANA, Ana Gleicia. Sexuality in adolescence: Questions of elementary school students II of a public school. 2015. 48p. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2015.

This study titled Sexuality in adolescence, aimed to identify the key questions of adolescents on sexual orientation. Attended by 103 students, of both sexes and aged between 11 and 14 years, the 6th, 7th, 8th and 9th grade of a public school in the state of Paraná. In project development a qualitative survey was conducted as a tool to collect a creative and dynamic data through a structured interview using boxes, where after a brief introduction to the subject individual students write their questions and deposited them in boxes. The main questions were observed in 20% of masturbation, 35% of menstruation, 18% of virginity, 12.6% of pregnancy, 6% of puberty, 13% of sexually transmitted diseases, 6% on relationship difficulties, about 6% first sexual intercourse and 5% on difficulties of dialogue with parents among others. Through this research, it is concluded that adolescents have many questions about biological sexuality and lack parental involvement in sexual orientation of adolescents and these deficiencies in family relationships cause insecurities and doubts in them.

Keywords: Adolescents. Sexuality. Doubts. Parents. School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
TPM	Tensão Pré-Menstrual

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Questionamentos dos alunos do 6º ano, com faixa etária de 11anos.....29
- Figura 2 – Questionamentos dos alunos do 7º ano, com faixa etária de 12 anos32
- Figura 3 – Questionamentos dos alunos do 8º ano, com faixa etária de 13 anos35
- Figura 4 – Questionamentos dos alunos do 9º ano, com faixa etária de 14 anos.....39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 SEXUALIDADE.....	13
2.2 BREVE DEFINIÇÃO DE ADOLESCÊNCIA.....	14
2.3 SEXUALIDADE NO PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA.....	14
2.4 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ADOLESCENTES.....	17
2.5 ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
3.1 LOCAL DA PESQUISA	24
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	25
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	27
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	27
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE(S).....	00
ANEXO(S).....	00

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período transição, entre a criança e o adulto, marcado por transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. É a fase onde a pessoa procura sua identidade. Nesta busca, inicia seus relacionamentos afetivos, relações que se baseiam no convívio familiar e realidade da sociedade onde vive.

No decorrer desta fase o adolescente enfrentará as transformações e terá as descobertas de um novo corpo a desabrochar, e começam a se preocupar com a aparência visual, assumindo posturas sociais e sexuais conferidas a cada sexo.

Todas partes que caracterizam esta etapa esculpe a identidade do adolescente, em que é imprescindível se atentar ao desenvolvimento social e cultural, pois norteiam a formação desta identidade. O elemento central da formação do gênero e da sexualidade, pode ser a identidade, nesta concepção reconhece que este processo está em constante mudança. Mudanças essas que interferem nas experiências da vida sexual.

Na sexualidade que cria e desenvolve a personalidade, um processo capaz de afetar a aprendizagem, a saúde mental e física do adolescente. Portanto, compreendemos que essa metamorfose biológica e psicológica também provoca alterações no convívio social. Os jovens iniciam primeiramente a convivência com grupos isolados, só meninas e só meninos, após este período começam gradativamente os relacionamentos com os outros.

Ainda hoje no século XXI, ter um diálogo sobre sexualidade é um grande tabu para algumas pessoas, mas devemos lidar com naturalidade com a questão. As aulas de ciências não suprem a necessidade de sanar as curiosidades dos adolescentes, contudo deveria ser obrigatória a escolar oferecer orientação sexual aos adolescentes como um local de debate e reflexão sobre a vida pessoal e sobre os princípios básicos da vida. Auxiliar os jovens a ponderar e definir critérios sobre questões sérias, como sexo e afetividade, que é obrigação de todos educadores, tendo em vista que a sexualidade é inerente ao ser humano e a base da formação dos jovens depende da instituição escolar, não apenas a parte teórica, mas sobretudo as relações interpessoais.

Ante a esta temática, destaco a relevância do futuro estudo para adquirir conhecimento sobre os questionamentos dos adolescentes sobre sexualidade e

construção de um banco de dados com o intuito de fomentar o conteúdo das práticas educativas na escola ligada aos indivíduos analisados.

Este projeto foi desenvolvido no Colégio Estadual do município de Francisco Alves no estado do Paraná, visando uma pesquisa participativa, pesquisa-ação. Teve como objetivo identificar os principais questionamentos dos adolescentes sobre orientação sexual. Onde através destes dados será possível desenvolver propostas de orientação sexual propícia, racional e independente para os educandos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SEXUALIDADE

No que se refere a sexualidade Brêtas (2008), define como algo que se constrói e aprende, sendo parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no processo de aprendizagem, na saúde mental e física do indivíduo. Assim, compreende-se que toda essa alteração biológica e psicológica também incide em mudanças na convivência social. O adolescente começa a se relacionar com o “grupo”, inicialmente separados, meninas em um grupo e meninas em outro, no exercício da bissexualidade, posteriormente, pouco a pouco, exercitam possibilidades de relacionamento com os outros.

Para os autores Andrade & Monteiro (2013), a sexualidade é muito mais do que sexo. Ela é um dos pontos centrais da vida das pessoas e envolve sexo, papéis sexuais, orientação sexual erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução. Na concepção dos autores a sexualidade é vivenciada e expressada por meio de pensamento, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, praticas, papéis e relacionamentos. A sociedade ainda tem a sexualidade como alvo de normas morais, religiosas ou científicas, que vão sendo assimiladas pelos indivíduos desde criança. A sexualidade não compreende apenas nosso corpo, mas abrange nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É de considerável importância buscar o autoconhecimento, para que consigamos fazer as escolhas que sejam mais positivas para a nossa vida e para a expressão da nossa sexualidade.

Pereira (2002) complementa citando o Grupo Ceres (1981), que em seus estudos afirma que o conceito de sexualidade é complexo na medida em que situa-se entre a natureza, no que refere-se ao biológico, e a cultura, por traduzir e reinterpretar o biológico; neste sentido, a sexualidade também constitui uma construção e uma representação social. O conceito de sexualidade comporta, na visão destas autoras, uma dimensão política, que é a relação de poder entre os sexos.

Como afirma Gomes (2012), a sexualidade envolve nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura e não apenas sexo. Ela envolve todas as formas, jeitos, maneiras como as pessoas expressam a busca

do prazer, podendo ser prazer pela dança, por esportes, pelo próprio corpo, pela relação sexual entre outras.

2.2 – BREVE DEFINIÇÃO DE ADOLESCÊNCIA

Segundo Eisenstein (2005) pode se definir a adolescência como um período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade (artigo 2º), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade (artigos 121 e 142) (EISENSTEIN, 2005).

Para Pereira (2002) a adolescência pode ser conceituada a partir de diferentes perspectivas: biológica, psicológica, jurídica e sócio-cultural. Entretanto, é fundamental se ter em mente que nenhuma destas perspectivas, isoladamente, é capaz de definir esta etapa do desenvolvimento humano.

2.3 SEXUALIDADE NO PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia

pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico (WTRS, 1975).

Como cita Ribeiro (2011) a sexualidade na escola pode ser observada, na fala da garotada, nas brincadeiras, nos bilhetinhos, nos namoros no pátio ou pelos corredores, nas carícias ou mesmo nas entrelinhas das matérias estudadas. Tendo em vista estas observações, para Ribeiro (2011) a escola deve considerar a importância de desenvolver trabalhos com os adolescentes.

Para compreender a estruturação da sexualidade na adolescência Pereira (2002) afirma que temos que levar em consideração os aspectos da maturação fisiológica que ocorre na puberdade, as mudanças psíquicas e comportamentais que se dão neste período da vida, a cultura sexual da sociedade em que o adolescente se constituiu e encontra-se inserido e a forma como estes três aspectos se interrelacionam. Pereira (2002) complementa argumentando que a adolescência, assim como a sexualidade, mais do que fenômenos universais e transculturais, são fenômenos moldados por influências econômicas e políticas.

Segundo Pereira (2002) a sexualidade na adolescência é um evento biológico discreto, explicado pela explosão natural dos hormônios e a impulsividade nesta fase.

Dentro do contexto da sexualidade tem-se a puberdade, que para Amorim & Maia (2012) caracteriza-se por ser um conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual. É uma etapa que está filogeneticamente programada e começa, em média, aos onze anos na menina e aos treze no menino, quando são ativados os hormônios que são responsáveis pelo desenvolvimento das características sexuais secundárias, e pelo amadurecimento dos gametas sexuais, responsáveis pelo processo de reprodução na espécie humana.

Brasil (1998) afirma que, é comum a curiosidade e o desejo da experimentação erótica a dois em virtude das transformações hormonais que ocorrem no corpo dos adolescentes. E que é no período da puberdade que se manifesta o erotismo corporal principalmente na área genital, traduzindo-se na busca pelo prazer. O autor ainda relata que há diversas formas de se expressar a sexualidade e a mesma sempre teve papel importante na vida do ser humano.

Para Almeida (2004) apud Martins (2011), além de a puberdade ser um período de muitas mudanças, é a fase de transição entre a infância e a adolescência em que ocorre o surgimento dos caracteres sexuais secundários que diferenciam meninos e

meninas. É um período de transformações corpóreas que gera angústias, curiosidades e muitas dúvidas que necessitam ser compreendidas e respeitadas.

Tendo em vista todas as transformações a que os adolescentes estão sofrendo, há também que se considerar as influências sociais e culturais que estes jovens estão expostos. Nos trabalhos de Souza, Fernandes e Barroso (2006) é relatado que os adolescentes estão expostos a uma série de influências sociais e culturais e, muitas vezes, acabam apreendendo informações generalizadas sobre sexualidade. É fato que há um grande montante de material midiático produzido sobre o assunto voltado para os adolescentes, mas não ocorre o mesmo para publicação de material informativo. Esse gênero de informação oferece um aspecto superficial e preconceituoso sobre opção sexual, prática sexual, prazer, prevenção de DST e gravidez, entre outras questões, quando compartilhadas restritamente entre os próprios adolescentes.

Marola et al., (2011) ressalta a importância dos jovens ter acesso a informações e educação em saúde sexual e saúde reprodutiva e de ter acesso a meios e métodos que os auxiliem a evitar uma gravidez não planejada e prevenir-se contra as doenças sexualmente transmissíveis/HIV-AIDS, respeitando-se a sua liberdade de escolha. Os autores ainda complementam que apesar disso, conteúdos como direitos sexuais e reprodutivos são pouco conhecidos dos adolescentes e são de fundamental importância para se pensar na saúde sexual da população jovem.

Confirmando os relatos de Souza, Fernandes e Barroso (2006), Silva (2011) afirma que, a forma com a qual o adolescente vai lidar com comportamento sexual é resultado de fatores presentes na cultura e no ambiente que se vive, que cada vez mais erotiza o relacionamento social. Neste contexto entende-se o comportamento sexual do adolescente procede-se por imitação e não pela modelação, o que resulta em implicações destacadas como a gravidez na adolescência.

Corroborando com os autores citados acima Maia et al., (2006), salienta que o jovem deste século está inserido numa sociedade do espetáculo, onde a vida é pobre e os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir passivamente imagens de tudo o que lhes falta na vida real. A mídia tem se tornado poderosa pelo gigantismo das imagens. Segundo Maia et al., 2006 hoje em dia, o jovem não precisa mais ler, pensar ou refletir, basta ver e comprar, tornando-os seres apenas espectadores, em que o PARECER é mais importante do que o SER. É nesse contexto do aparente, do

revelado, do espetacular que o adolescente atual vive sua sexualidade em meios às referências que invadem seu imaginário através da mídia.

Para Santos (2006) o ímpeto dos adolescentes de exhibir seus instintos, aliado a ânsia de comprovar sua virilidade a si mesmo e sua emancipada determinação em cativar a pessoa do sexo oposto, contesta facilmente os padrões da sociedade e orientações familiares e inicia-se, o exercício da sexualidade.

2.4 PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS ADOLESCENTES

Sobre a participação da família na educação sexual dos adolescentes, Bretas (2008) entende que a família e a escola têm papéis diferentes e complementares na orientação dos adolescentes, uma não substituiu a outra. A escola complementa o que é iniciado no lar, suprimindo lacunas, combatendo preconceitos, desenvolvendo respeito pelo corpo e pelos sentimentos.

Na concepção de Ribeiro (2011), as dificuldades enfrentadas pela escola fundamentam na ideia de que esse tema deve ser tratado exclusivamente pela família. Na verdade, sem perceber, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e adolescentes. Mesmo aquelas que não falam abertamente sobre esse assunto, estão passando valores, e, mesmo no “discurso silencioso”, estão mostrando como a sexualidade é vista/vivida dentro de casa.

Ribeiro (2011), ainda complementa relatando que o aprendizado e as experiências sexuais dos filhos mexem muito com a estrutura dos pais, no sentido que reativa a própria sexualidade vivenciada por eles, com os próprios fantasmas que a sua adolescência trouxe e que, provavelmente, na maioria das vezes não puderam ser elaboradas de forma adequada. E um trabalho, proposto pela escola, pode ser importante nesse processo.

Para Bonfim (2009), no desenvolvimento da sexualidade, a família é em primeira instância para o elemento formador da criança sendo os pais encarregados da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos de maneira informal, passando seus valores culturais e crenças formando um amplo conjunto de influências exercidas sobre o indivíduo.

Embora os autores acima citados reforcem que os pais devem ser responsáveis pelas orientações sobre sexualidade. Andrade & Monteiro (2013), alertam que na sociedade atual, é também presente à realidade de pais não tem tempo, preparo ou disposição para discutir, abordar tais temas com seus filhos, enfrentam obstáculos a cumprir tal papel. Com esse problema, podemos perceber o quanto o ambiente escolar e familiar ainda carrega estigmas, preconceitos e barreiras.

Para Cardoso & Silva (2013) a participação dos pais na vida dos adolescentes é de suma importância e se faz necessário ter um diálogo aberto entre ambos. Pois a falta de diálogo com os pais, assim como as dúvidas não esclarecidas a contento sobre a sexualidade são fatores de risco que podem levar a uma gravidez precoce ou a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), como HIV/AIDS. Desse modo, o silêncio, a desinformação, a repressão, o medo e a vergonha de tratar sobre as questões da sexualidade dificultam a relação dos pais com os filhos, bem como a dos profissionais da educação e da saúde com esses adolescentes.

Andrade & Monteiro (2013) ressalta que essa falta de preparo para tratar do assunto com seus filhos vindos dos pais, pode ser oriundas dos padrões mais inflexíveis na infância e a realidade que foi se modificando ao longo de sua adolescência, os tornando mais inseguros e “perdidos” em relação ao que é certo ou errado, o melhor ou o pior para ser passado aos seus filhos.

Segundo Suplicy (1991) apud Cano & Ferriani (2000), a questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas, que deixou os pais desorientados. Antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais.

Para os autores Cano & Ferriani (2000), apesar do período de transição em que vivemos, existem alguns valores que não podem deixar de ser transmitidos aos jovens, tais como: O respeito por si próprio e pela sua dignidade enquanto pessoa; O respeito pelo outro. A ninguém é permitido ver outro como meio de satisfação de suas necessidades; O acesso à informação. Responder o que a criança quer saber de forma honesta e não preconceituosa; Ajudar a criança a desenvolver o espírito de crítica, a capacidade de raciocínio e a reflexão para escolher o que lhe convém.

Frente à insegurança em relação à sexualidade, muitas famílias optam por atitudes repressoras para tentar conter as dúvidas e ansiedades de seus integrantes. Contudo, tais atitudes não amenizam os anseios e emoções dos filhos sobre as

questões inerentes a sexualidade, causando comportamentos e atitudes que podem trazer sérias consequências a vida sexual destes indivíduos, a exemplo de uma gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis ou bloqueios de ordem sexual devido à falta de diálogo e de interação com os pais (BONFIM, 2009).

A omissão também se constitui em outro instrumento utilizado pela família para lidar com as questões referentes à sexualidade. Em muitos contextos familiares, não se fala sobre sexo e até mesmo este não parece existir ou fazer parte da condição humana. Por falta de conhecimento suficiente ou o por insegurança, muitos pais preferem não dialogar com seus filhos sobre o tema (Bonfim, 2009). Os estudiosos Oliveira & Diaz (1998) apud Bonfim (2009), ressaltam que: “A omissão do adulto, a negação da sexualidade na infância e a falta de diálogo tem deixado essa área descoberta de uma ação educativa eficaz.” A omissão dificulta a abertura de espaços de diálogo reduzindo a compreensão do tema e perpetuando dúvidas e questões a serem elucidadas por pais e filhos.

Para Gomes (2012) é necessário que ocorra uma mudança na forma como os pais e a sociedade em geral, educam as crianças e os jovens para que o preconceito e a discriminação e a desigualdade entre os sexos sejam minimizadas.

Bonfim (2009) relata que é de suma importância a superação dos modelos tradicionais e repressores de educação sexual no contexto familiar, bem como o enfretamento da sexualidade precoce para que se possa criar novos espaços de diálogo entre pais e filhos baseados em valores que proporcionem discutir o prazer e a responsabilidade na vida sexual. Seria interessante que a educação sexual não fosse empregada através de formas rígidas ou autoritárias nem com a ausência total de limites, mas sim de modo que respeitasse as etapas de desenvolvimento do ser humano pautada no entendimento de que o sexo é algo inerente a este processo.

Nos dias de hoje os adolescentes obtém suas informações sobre sexo de muitos lados: dos pais, irmãos, professores, colegas da mesma idade, do rádio, TV, revistas, conversas ou observando outros. Estas informações, frequentemente, são incompletas, enganadoras ou até falsas. Além disso, na TV tudo parece ser simples e normal (GOMES, 2012).

Cardoso & Silva (2013) corrobora afirmando que o lar que tem diálogo aberto e a informação transcorre facilmente, os limites são estabelecidos, proporcionando ao adolescente maior segurança e espaço para partilhas de suas experiências. O diálogo é eficiente, mas é importante que os pais se sensibilizem e se conscientize, pois só o

conhecimento sobre os aspectos da sexualidade podem melhorar a relação do adolescente com os pais, evitando possíveis consequências que aparecem devido à falta de orientação.

2.5 ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

A orientação sexual foi incluída em 1998, pelo Governo Federal aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a orientação sexual como um dos temas transversais da educação básica nas escolas, ou seja, permeando por todas as disciplinas articuladas no currículo juntamente com outros temas como Saúde, Ética, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente conforme Beiras, Tagliamento, Tonelli (2005) apud Andrade & Monteiro, (2013). Logo, a orientação sexual apresentada aos alunos na escola vem com o objetivo de ajuda-los a formar opinião acerca do que lhe é apresentado (ANDRADE & MONTEIRO, 2013).

Souza & Souza (2010), apontam que a escola, para alguns, aparece como um lugar que não é percebido como local de aprendizagem acerca da sexualidade pelos diversos atores que se relacionam com esse espaço, desde a direção da escola até pais dos alunos. Essa é uma noção que está ligada às crenças e aos valores herdados historicamente, como já foi discutido em Foucault, por meio da ordem burguesa e atualmente por resquícios de um “puritanismo” religioso, o qual diz que falar sobre sexualidade é falar saliência e é pecado.

A intervenção da escola no campo da sexualidade é de tamanha complexidade, não somente por ser um tema transversal, mas por trabalhar com a individualidade de cada pessoa que possui pensamentos diferentes em relação a essa temática. A sexualidade, no universo escolar, é tópico polêmico, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores (alunos, pais, professores e diretores, entre outros), assim como os tabus e interditos que social e historicamente cercam temas que lhe são selecionados. Como se registra na pesquisa, para alguns pais escola não Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3 5 é lugar para ensinar Saliências, mais também se documenta que a maioria dos pais, e em maior proporção professores e alunos, são favoráveis à discussão sobre sexualidade nas escolas. (ABRAMOVAY, 2004, p. 33)

Para Abramovay (2004), no âmbito escolar, a sexualidade, é tópico problemático, respeitando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores (alunos, pais, professores e diretores, entre outros), assim como os tabus e interditos que social e historicamente cercam temas que lhe são relacionados. Como se registra na pesquisa, para alguns pais escola não é lugar para ensinar saliências, mas também se documenta que a maioria dos pais, e em maior proporção professores e alunos, são favoráveis à discussão sobre sexualidade nas escolas.

Segundo Aquino & Martelli (2012), a escola favorece aos adolescentes a socialização e internalização de novas crenças, novos comportamentos, novas formas de relacionamentos, como também a vivência com outras culturas e experiências em torno de diferentes aspectos, dentre eles, a sexualidade.

Ribeiro (2011) afirmar que a Educação Sexual na escola deve se dá no contexto pedagógico, não tendo, portanto, características terapêuticas. O trabalho deve ser compreendido como um espaço para que, através de dinâmicas, possamos problematizar temáticas, levantar questionamentos e ampliar a visão de mundo e de conhecimento. A escola deve discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes na nossa sociedade, relacionados à sexualidade. Isso, sem ditar normas de “certo” ou “errado”, o que “deve” ou “não deve” fazer ou impor os seus valores, acreditando que é melhor para o seu aluno – o que pode não ser! O papel do professor é ser mais um “dinamizador de ideias” do que um “expositor da matéria”.

Para Aquino & Martelli (2012), a educação sexual nas escolas tem como objetivo fundamental, colaborar para que os educandos possam viver suas sexualidades de forma mais independente, mais prazerosa, mais afetiva. Esse tema relaciona-se ao exercício da cidadania na medida em que se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, ao mesmo tempo busca garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades, de seus direitos, de seus deveres.

Andrade & Monteiro (2013) Corroboram dizendo que a presença da Orientação Sexual nas escolas comprova que os temas sexo e sexualidade ainda são tabus pelas tantas resistências que encontra para ser discutido de forma livre, consistente e responsável nos meios de comunicação, família, meio social e escolas.

Segundo as pesquisas de Marola et al., (2011) a formação de educadores é uma questão de fundamental importância para que a prática da educação sexual seja

bem-sucedida. Muitos dos responsáveis pela formação de adolescentes apresentam dificuldade em trabalhar com o tema da sexualidade e possuem muitas dúvidas em relação a diversos aspectos vinculados (Merchan-Hamann, 1995 apud Marola et al., 2011), encontrando segurança nos livros de Ciências, reforçando a ideia da sexualidade como assunto de saúde pública.

Abramovay (2004) considera a tipologia de saberes sobre sexualidade proposta por Foucault, que observa-se ainda hoje nas escolas o formato de *scientia sexualis*, preocupação com a espécie, formação para a vida em coletividade ou projeto civilizatório. Quanto aos interesses individuais/existenciais poderia tão somente ir até dimensões da prevenção e, mesmo assim, acautelando-se em não escorregar em repressões.

Segundo Cortez e Souza (1997) apud Abramovay (2004), a ênfase no discurso científico sobre sexo na escola viria sendo atualizado, não tanto mais com a preocupação de regular a reprodução, mas pelo eixo da prevenção contra a Aids, o que mais distancia a escola do ideário de uma *ars erotica*, de liberdade, pois a própria busca de prazer passa a ser compulsiva:

(...) a escola está certamente filiada a uma tradição iluminista que se fundamenta na ideia de que o conhecimento científico tem um potencial libertador. No que tange à sexualidade, a escola não é herdeira da *ars erotica*, mas da *scientia sexualis*...
(...) a informação sobre o sexo destinada à criança, por meio dos manuais de educação sexual, se apoia na fisiologia do aparelho genital, de forma tal que qualquer criança percebe que um livro educativo explica tudo, menos (felizmente) o prazer (ou a angústia) do exercício da sexualidade.
(...) nesses tempos de Aids, analisa-se o sexo como coisa biológica, só que, curiosamente, já não mais ligado à reprodução (esta é vista como acidente de percurso), mas à totalitária, paradoxal e angustiante obrigação de saúde e prazer.

Andrade & Monteiro (2013) afirma que a orientação sexual não se restringe apenas a transmissão de informações sobre sexo, significa também o contato entre pessoas, transmissão de valores, atitudes e comportamentos. É fundamental que os educadores estejam preparados psicologicamente e pedagogicamente para falar sobre o assunto, pois observa-se que, a maioria não possui preparação suficiente e o que sabem está baseado em troca de informações com colegas e em restritas leituras,

que se limitam aos aspectos biológicos sem considerar os sentimentos e as emoções envolvidas neste processo.

Para Suplicy (2000) apud Gomes (2012) é papel da escola, a transmissão dos princípios democráticos e éticos que são o respeito pelo outro, o respeito por si mesmo, o respeito à pluralidade de opiniões. À família cabe transmitir os valores morais que a escola não tem condição de dar, e isso não dá para delegar, a família tem de explicitar o que acha certo e errado, isso não compete à escola, pois a escola não pode ter uma posição sobre o aborto, sobre casar virgem ou não, isso não é um consenso social.

Na concepção de Andrade & Monteiro (2013) a Orientação Sexual é um trabalho que cabe à escola, ao um ensino e instrução sistematizada. A sexualidade e as outras visões relacionadas a ela devem fazer parte do processo de ensino nas escolas todo o ano, não só sendo expressa em trabalhos, palestras, cartilhas ou atividades específicas. Porém é visível o despreparo de grande parte dos professores e outros profissionais da educação diante a essas medidas e iniciativas.

As normas de comportamento sexual até pouco tempo atrás estavam inseridas no código moral dos grupos sociais e eram transmitidas através da família, das crenças religiosas e das relações na comunidade de origem. Esses preceitos eram vividos como verdades irrefutáveis, entretanto hoje em dia estão sendo questionadas e rompidas. Recentemente, observa-se um excesso de estímulo sexual cuja ênfase sobre a erotização, veiculada pelos diversos meios de comunicação, não oferece a mínima noção de proteção sexual aos jovens. A falta de orientação sexual vem se constituindo em um sério problema educacional e social, acarretando a iniciação precoce dos jovens sem a devida orientação para a vida sexual. Essa iniciação prematura e desorientada tende a expor crianças e adolescentes a doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e evasão ou abandono escolar, questões que evidenciam a necessidade de um espaço onde os alunos tenham a oportunidade de expor e discutir suas demandas e anseios (BONFIM, 2009).

Neste contexto, a sexualidade deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar maneiras de informar e orientar os jovens para que protelem ao máximo sua iniciação sexual, tenham responsabilidade, autoestima e pratiquem sexo com segurança como sugere CANO et al., (2000).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada com alunos do ensino fundamental II da rede pública de ensino, no estado do Paraná.

Este projeto foi realizado num período de três semanas, onde num primeiro momento houve a coleta de dados, que utilizou como ferramenta a entrevista, elaborada de forma dinâmica, através de uma caixinha para tirarem suas dúvidas, no qual os educandos escreveram seus questionamentos e colocaram dentro da caixinha para posteriormente serem analisadas.

Com base nas informações que foram obtidas através da entrevista, foi possível conhecer os principais questionamentos dos alunos e foi oferecido uma palestra com uma enfermeira, onde foram sanadas as dúvidas, curiosidades e tabus dos adolescentes.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

O Colégio Estadual Vicente Tomazini está localizado à Rua Irmãos Vilas Boas nº1108, no município de Francisco Alves, Paraná. Segundo IBGE (ano 2010) O Município de Francisco Alves foi criado através da Lei Estadual nº 6.314, de 24 de agosto de 1972, desmembrado de Iporã. Instalado oficialmente em 01 de fevereiro de 1977. Com uma população de 6.418 mil habitantes, cerca de 2.092 mil domicílios. No desenvolvimento socioeconômico, observa-se retorno da cultura cafeeira com novas práticas de manejo, como o café adensado e a mecanização como as culturas temporárias de soja, milho, algodão e trigo. A criação de aves de corte no sistema integrado com os frigoríficos dos complexos avícolas da região.

O Colégio Estadual Vicente Tomazini apresenta um quadro de 608 alunos matriculados, oferecendo as modalidades: Ensino fundamental II (6º, 7º, 8º, 9º), Ensino Médio (diurno e noturno), Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental Fase II e Médio e Iniciais do Ensino fundamental na Modalidade Normal, em Nível Médio – integrado. Sua Estrutura física é composta por 19 salas de aulas, 1 sala de apoio à aprendizagem, 1 sala de recursos multifuncionais tipo I, 1

biblioteca/videoteca, 1 laboratório de Química, Física e Biologia, 1 laboratório de informática – Paraná Digital, 1 Laboratório de informática do Proinfo, 2 Quadras de esportes sendo uma coberta e uma ao ar livre, banheiros, sala dos professores, secretaria, cantina, coordenação e diretoria.

A clientela desta unidade escolar é formada em sua grande maioria por filhos de trabalhadores, muitos deles não possuem emprego fixo ou têm como alternativa o trabalho como “boias-frias”. Outra parte da população é formada de pequenos produtores e arrendatários, possuindo baixa renda, quase insuficiente para garantir a sobrevivência das famílias. Por outro lado, apresentam-se como uma parte dessa comunidade, os filhos de comerciantes e funcionários públicos (P.P.P. 2012).

3.2 TIPO DE PESQUISA

Com o intento de conhecer os questionamentos dos adolescentes sobre orientação sexual, a pesquisa foi desenvolvida utilizando a pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa surgiu na Antropologia e Sociologia, porém nas últimas três décadas esse tipo de pesquisa ganhou espaço em áreas como Psicologia, Educação, Administração, dentre outras (NEVES, 1996 apud RODRIGUES, et al., 2011).

A pesquisa qualitativa pode ser vista como uma metodologia de pesquisa não estruturada e exploratória baseada em pequenas amostras que proporcionam percepções e compreensão do contexto do problema (Malhotra, 2006 apud Rodrigues, et al., 2011). Nesse tipo de pesquisa os entrevistados constituem ideias livres a respeito e um determinado tema (Dantas; Cavalcante, 2006 apud Rodrigues, et al., 2011). Em outras palavras, o pesquisador busca entender a importância dos fenômenos estudados, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada, em seguida é feita a interpretação dos fenômenos estudados (NEVES, 1996 apud RODRIGUES, et al., 2011).

A pesquisa qualitativa é chamada também naturalista porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental (é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural); fenomenológica porque enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano, o mundo do sujeito, suas experiências cotidianas, suas interações sociais e os significados que dá a essas experiências e interações;

interacionista simbólica porque toma como pressuposto que a experiência humana é mediada pela interpretação, a qual não se dá de forma autônoma, mas na medida em que o indivíduo interage com outro, é por meio de interações sociais como vão sendo construídas as interpretações, os significados, a visão de realidade do sujeito (ANDRÉ, 1998, pp. 17-18 apud RODRIGUES, et al., 2011).

Para análise do material obtido por meio da pesquisa qualitativa é necessário por parte do pesquisador, uma capacidade integrativa e analítica que depende do desenvolvimento de uma aptidão de criação e intuição (MARTINS, 2004 apud RODRIGUES, et al., 2011).

Na pesquisa qualitativa existem três metodologias principais: a etnografia, o estudo de casos e a pesquisa-ação. A metodologia usada nesta investigação foi pesquisa-ação.

Para Thiollent (2000) apud Rodrigues, et al. (2011), a pesquisa ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. A metodologia da pesquisa-ação é uma opção, uma metodologia que estimula a participação das pessoas envolvidas na pesquisa e abre o seu universo de respostas, passando pelas condições de trabalho e vida da comunidade. Buscam-se as explicações dos próprios participantes que se situam, assim, em situação de investigador.

Barbosa (1999) apud Rodrigues et al., (2011) destaca 5 procedimentos utilizados para coleta de dados em pesquisa qualitativa: questionários, entrevistas, observação direta, registros institucionais e grupos focais. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica voltada à pesquisa qualitativa: entrevista estruturada.

De acordo com Moreira (2002, p. 54) apud Oliveira, (2008), a entrevista pode ser definida como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente”. As entrevistas são aplicadas para que o pesquisador obtenha informações que provavelmente os entrevistados têm.

As entrevistas estruturadas são aquelas que apresentam um conjunto de questões, em que o pesquisador administra a cada sujeito na mesma sequência e usando as mesmas palavras. Para o investigador, esse questionário responde suas hipóteses, admitindo que o respondente tem condições necessárias para fornecer os dados que julga relevantes. O pesquisador ainda entende que os entrevistados compreenderão da mesma forma todas as perguntas levantadas (OLIVEIRA, 2008).

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população que foi estudada compreende aos alunos do ensino fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º) do Colégio Estadual Vicente Tomazini da cidade de Francisco Alves. A população total destas series é de 256 alunos. Participaram das pesquisas uma amostra de 103 alunos entre meninos e meninas. Estes adolescentes tem em média uma faixa etária entre 11 e 14 anos. Foi selecionado estes educandos desta faixa etária, para poder conhecer os questionamentos e sanar as curiosidades e dúvidas dos mesmos.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi usado a técnica voltada a pesquisa qualitativa denominada entrevista estruturada.

Para realizar esta entrevista, de forma criativa e dinâmica, utilizou-se uma caixinha onde os alunos depositaram suas dúvidas e curiosidades.

A entrevista foi desenvolvida da seguinte maneira: Explicar como e de que forma os dados foram coletados, ou seja, quais as técnicas de pesquisa que foram usadas, de que forma ocorreu e quem fez esta coleta de dados.

Caso utilize questionário ou entrevista para coletar dados, o questionário ou entrevista deverá estar sempre em apêndice.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Num primeiro momento esteve-se no Colégio e foi apresentado o projeto para a direção e a equipe pedagógico, onde foi analisada a possibilidade de aplicação do mesmo. Após este momento e com a autorização dos mesmos, foi dado inicio ao projeto. Acompanhada pela equipe pedagógica iniciou-se a entrevista. Como já descrito nos itens acima a metodologia utilizada foi a entrevista direcionada. Para a realização da mesma foi preparado quatro (4) caixinhas, uma para cada série, na confecção utilizou-se material reciclado, o material usado foi caixas de sabão em pó vazias, foram encapadas com folhas de revista e feito uma abertura maior do que a já

existente para os alunos colocarem os papezinhos com suas dúvidas e curiosidades. Para começar a entrevista foi necessário fazer uma breve apresentação do projeto e do tema aos adolescentes, com uma conversa informal o tema foi abordado, onde foi definido o que é sexualidade e o que é educação sexual e tudo que está envolvido neste contexto, encorajando e explicando que gostaria de saber suas dúvidas sobre sexualidade. Também foi salientado que as perguntas eram secretas e que somente o autor do projeto teria acesso às mesmas.

Em seguida foi distribuído aos alunos pedaços de folhas de papel sulfite em branco onde eles escreveram suas dúvidas e curiosidades e depositaram na caixinha.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos da 6º ano, com faixa etária de 11 anos, ficaram bastante alvoroçados (inquietaos) com o tema, mas na hora de colocar seus questionamentos no papel não sabiam se expressar, muitas vezes pedindo auxílio. Analisando as dúvidas, foi possível observar que um dos principais questionamentos é como se formam os bebês e como se engravida. Também surgiram questionamentos sobre menstruação, masturbação e pelos pubianos como demonstrado na Figura 1.

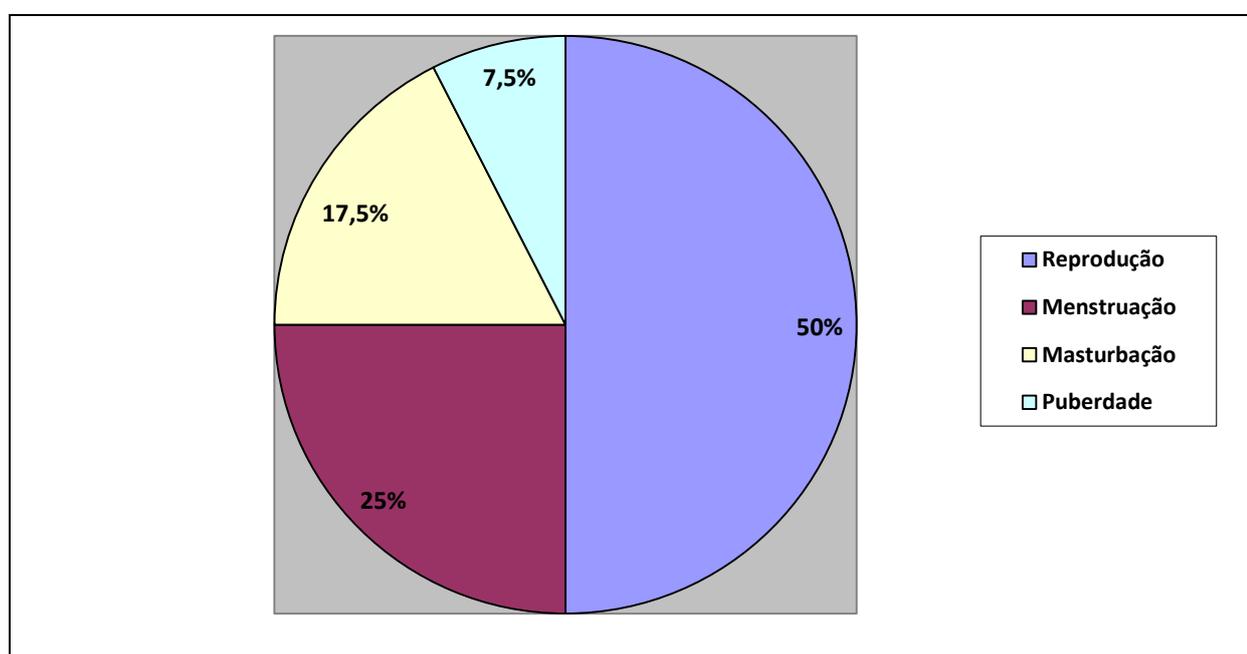


Figura 1 - Questionamentos dos alunos do 6º ano, com faixa etária de 11 anos.

Entendendo este comportamento dos adolescentes frente ao tema, Santos (2006) apud Silva (2011) diz que A adolescência traz consigo o início da puberdade e o desenvolvimento das características sexuais, dos órgãos sexuais primários e secundários e um notável crescimento somático, os quais pressagiam o destino do corpo da criança em sua inevitável transformação. As transformações físicas acontecem devido ao elevado aumento da produção de hormônios neste período. Essas alterações hormonais e as eventuais incapacidades ou relutâncias em adaptar-se as alterações físicas contribuem também para alguns estados de depressão, característicos dos adolescentes. Alternadamente, se observam períodos de intensa energia física, entusiasmo e inquietação sem limites.

E segundo Chipkevitch (1994) apud Alencar (2005) o comportamento do adolescente traduz instabilidade, porque as diferentes partes de seu corpo/mente evoluem em velocidades diferentes. A extrema sensibilidade, a riqueza emotiva e a falta de controle, próprios dessa idade fazem com que os estados afetivos saltem num ritmo veloz, a ponto de, aos olhos dos adultos, passarem por caprichos. O adolescente busca por sua identidade e dá testemunho disso nas suas ansiosas interrogações sobre ele mesmo.

Dentre os questionamentos dos adolescentes nesta faixa etária pode-se observar que a reprodução é algo que causa muitas curiosidades. E para Lopes & Maia (2001) apud Alencar (2005) isso ocorre porque a sexualidade impera quase que totalmente na vida dos adolescentes. Tanto os adolescentes como as adolescentes sentem uma curiosidade quase que insaciável pelos mistérios do sexo e milhares de pensamentos surgem freneticamente em seus “mundos particulares”, pensamentos do tipo: se são sexualmente atraentes, se saberão fazer sexo, se é bom, se é ruim, etc.

Referente ao tema menstruação observou-se bastante dúvidas, mitos e tabus, indicando a forte influência da cultura familiar. Autores destacam que a influência da cultura patriarcal, a religião, a escola, bem como as questões políticas e econômicas, influencia fortemente a formação da sexualidade, em que predominam a falta de diálogo e a educação autoritária (Ximenes et al. (2007); Bretas & Silva (2005) apud Martins et al. (2012), o que contribui para a existência de mitos e tabus, colocando o adolescente como importante grupo de risco. Este cenário, aliado à dificuldade das escolas em abordar o tema, demandam dos profissionais de saúde ações que possam promover a orientação sexual para este grupo (CARVALHO et al., 2005; XIMENES et al., 2007 apud MARTINS et al., 2012)

Alguns alunos demonstraram dúvidas sobre o ato de masturbatório. O ato masturbatório aparece bem antes da adolescência, mas, é nesta idade, entre 11 e 13 anos após o término da latência, segundo Tallaferro (1989 apud Niedersberg, 2008) que desemboca a possibilidade de uma ejaculação e, portanto, de um orgasmo. Neste período surge uma grande quantidade de excitação sexual, aliás, muito semelhante com a da vida adulta, embora com a diferença fundamental de que os objetos ainda são, inconscientemente, os mesmos que na infância. O início da masturbação para Zimermam (2005 apud Niedersberg, 2008) pode representar para os meninos um positivo aspecto de um sadio desenvolvimento psicosssexual, levando em conta que

os primeiros atos de masturbação indicam uma saudável curiosidade com a finalidade de conhecer o seu próprio corpo, uma forma de escoamento de fantasias e a possibilidade de entrar em contato com sensações que seriam privilégio exclusivo dos adultos (NIEDERSBERG, 2008).

A masturbação, geralmente, é mais frequente nos meninos, mas em ambos os sexos podem ocorrer sentimentos ambivalentes, pois sua prática pode gerar culpa e ansiedade embora, ao mesmo tempo, produza imenso prazer. Os jovens atendem uma necessidade de aliviar a tensão sexual e, como não têm compromisso com o desempenho, acabam por fortalecer a autoconfiança sexual e desenvolvem, numa condição segura, habilidades que são importantes para uma futura experimentação sexual. Portanto, apesar de toda gama de tabus que ainda existe acerca da masturbação, ela pode ser uma conduta positiva no processo de desenvolvimento sexual na medida em que não produza danos físicos ou emocionais (LOYOLA, 1990 apud MAIA, 2010)

Para Maia (2010) a manipulação dos genitais é frequente entre os adolescentes como uma forma de reconhecer o corpo em mudança e de obter prazer; a masturbação, então, é um elemento importante para o autoconhecimento corporal e para a obtenção de sensações prazerosas que irão permear a vida sexual adulta. No período da adolescência a curiosidade em relação ao corpo é mais evidente e aumentam as chances de manipulação e experimentação das sensações prazerosas relacionadas ao toque do próprio corpo e ao de outros.

A puberdade também esteve entre os questionamentos dos alunos do 6º ano, onde os adolescentes questionavam sobre o surgimento dos pelos pubianos. Os autores Amorim & Maia (2012) definem a palavra Puberdade vem de "púbis" que, do latim "pubertate" e "pubis" significam "penugem; pêlo". Caracteriza-se por ser um conjunto das transformações psicofisiológicas ligadas à maturação sexual. É uma etapa que está filogeneticamente programada e começa, em média, aos onze anos na menina e aos treze no menino, quando são ativados os hormônios que são responsáveis pelo desenvolvimento das características sexuais secundárias, e pelo amadurecimento dos gametas sexuais, responsáveis pelo processo de reprodução na espécie humana.

A puberdade marca o início do ciclo reprodutivo da mulher. Nessa fase, ela sofre alterações físicas diversas, como o aumento de pelos nas regiões

pubiana, do buço e das axilas, além de seu corpo assumir formas curvilíneas (RATTI et al., 2015).

Para Brasil (1998) a partir da puberdade e das transformações hormonais ocorridas no corpo de meninos e meninas, é comum a curiosidade e o desejo da experimentação erótica a dois. É a partir da puberdade que a potencialidade erótica do corpo se manifesta sob a primazia da região genital, expressando-se na busca do prazer. Por outro lado, ainda que das formas mais diversas, a sexualidade sempre teve papel importante na vida do ser humano.

No 7º ano, adolescentes com faixa etária de 12 anos, o principal questionamento foi sobre menstruação, mas também houve outras dúvidas como doenças sexualmente transmissíveis, relacionamento entre primos, diferenças entre os corpos de meninas da mesma idade, TPM. Dois alunos não quiseram participar. Resultados estes demonstrados na Figura 2.

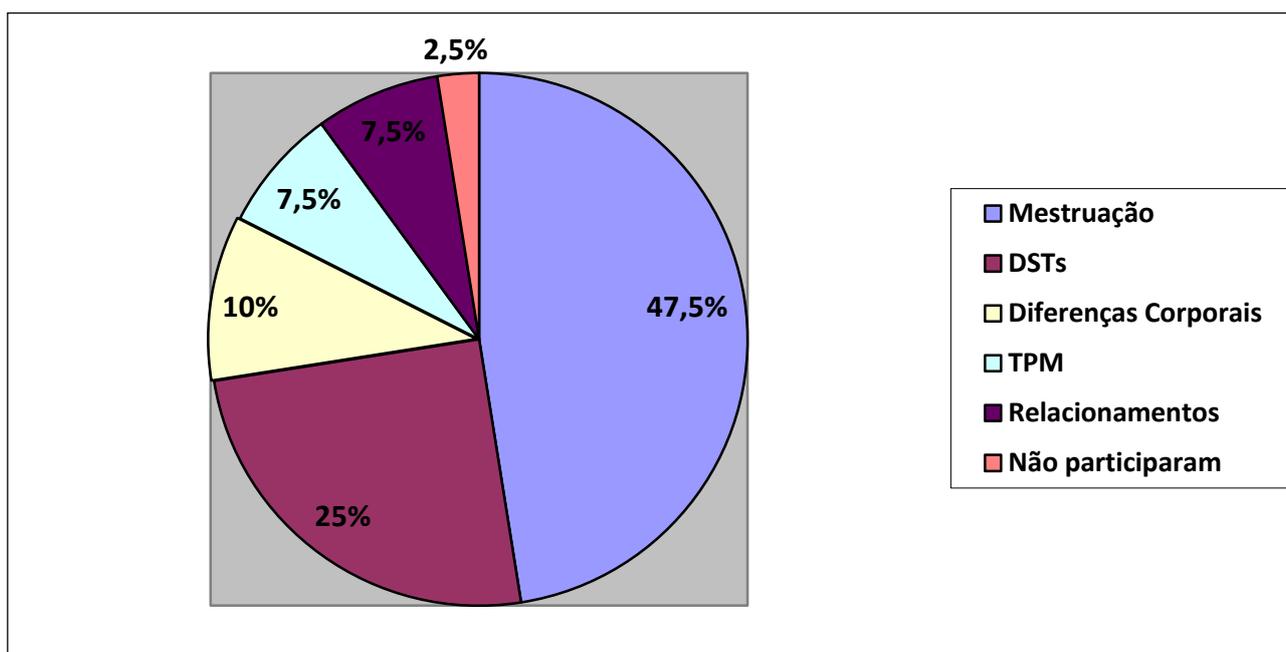


Figura 2 - Questionamentos dos alunos do 7º ano, com faixa etária de 12 anos.

O principal questionamento dos adolescentes do 7º ano, foi referente a menstruação, indicando a falta de diálogo dos pais com os filhos sobre o assunto e o enraizamento dos tabus. Para Ratti et al., (2015) quando se fala em tabu relacionado a menstruação, portanto, refere-se ao silenciamento enraizado sobre o tema. As mulheres são ensinadas de acordo com normas sociais vinculadas a esse fenômeno desde sua primeira menstruação. Dentre elas está não comentar quando estiver em seu período menstrual, não exibir absorventes -principalmente para

o sexo oposto -, além da ideia de uma tensão pré-menstrual, período em que se acredita que a mulher apresenta-se mais propensa a mudanças de humor drásticas e comportamentos irracionais.

Segundo os mesmos autores, os tabus que cercam a menstruação estão diretamente reforçados por essas condições pelas quais as mulheres submetidas, já que seus corpos são apagados e silenciados. Por silenciamento compreende-se a falta de um diálogo aberto entre mulheres sobre menstruação, além de ser algo presente em fatos cotidianos, como o hábito de pedir um absorvente a uma colega sussurrando, por exemplo, sem nunca falar abertamente ou com confiança sobre sua menstruação. Isso reforça estereótipos que não correspondem com a realidade feminina e mistifica algo que é natural do corpo feminino.

Bouzas et al., (2010) também corrobora dizendo que a menstruação, evento marcante na vida das mulheres, assume importância vital na adolescência, e sua primeira ocorrência, a menarca, cercada por inúmeros tabus, representa o começo da capacidade reprodutiva.

Apesar de ser um período que faz parte do ciclo da vida do ser humano, não é bem definido seu início e nem seu fim; é uma época de grandes transformações, ocasionando mudanças físicas e emocionais, que muitas vezes são tão rápidas e tão intensas que se tornam difíceis de serem compreendidas pelos jovens. (BASTOS & DESLANDES, 2009 apud MARTINS, 2011)

Junto com a menstruação algumas adolescentes descobrem a TPM. Que segundo Gonçalves (2001) a TPM caracteriza-se por apresentar um conjunto de sintomas que podem ser físicos, psíquicos e/ou comportamentais, que acometem as mulheres em sua fase de vida reprodutiva, exclusivamente nos dias que antecedem sua menstruação. Com a vinda do fluxo, melhoram ou desaparecem.

Alguns adolescentes questionaram as diferenças corporais, tendo em vista que tinha a mesma idade. Compreendendo este fato Silva (2010) diz que, embora os fenômenos puberais sejam universais, é preciso que se esteja ciente de que eles ocorrem em idades diferentes para diferentes indivíduos; e, além disso, existem diferentes maneiras de reagir ao surgimento de mudanças. Nesse sentido, torna-se fácil explicar, porque indivíduos nessa fase, tendo a mesma idade e o mesmo sexo possam parecer tão diferentes uns dos outros.

Almeida (2010) apud Martins (2011) também corrobora dizendo que, uma vez que a faixa compreendida como adolescência é muito extensa, pode ocorrer de, numa

mesma turma, haver adolescentes com pouco desenvolvimento físico com aspecto mais infantilizado e outros com um desenvolvimento acentuado, apresentando um aspecto mais maduro.

Quando os adolescentes demonstraram dúvidas sobre as DSTs pode-se identificar que há falta de diálogo entre pais e filhos e também um déficit de informações na escola sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Confirmando tal observação, Cardoso & Silva (2013) diz que a falta de diálogo com os pais, assim como as dúvidas não esclarecidas a contento sobre a sexualidade são fatores de risco que podem levar a uma gravidez precoce ou a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), como HIV/AIDS. Assim, o silêncio, a desinformação, a repressão, o medo e a vergonha de tratar sobre as questões da sexualidade dificultam a relação dos pais com os filhos, bem como a dos profissionais da educação e da saúde com esses adolescentes.

Para Beserra (2008) o jovem deve ser orientado, desde cedo, a se prevenir das DST, por meio de um diálogo aberto que permita sua expressividade e esclarecimentos de dúvidas. Muitas vezes, esses adolescentes não têm nenhum diálogo em casa sobre sexualidade, nem mesmo na escola, tornando-se um repasse, ou seja, a família joga para a escola a responsabilidade, e a escola, por sua vez, para a família, sendo que ambas se sentem despreparadas para abordar esse assunto. Para tanto, é preciso um processo educativo, tomando como alicerce hábitos e costumes de um grupo ou de um indivíduo, pois assim métodos educativos serão eficazes.

Ao lado de questões como a AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis, a sociedade, em crescente transformação de valores e padrões culturais, está convivendo com a realidade de uma iniciação sexual cada vez mais precoce entre os jovens (Cano & Ferriani, 2000). Segundo Rappaport (1995) apud Cano & Ferriani, (2000), “por muitas razões (falta de comunicações, cobrança dos grupos, mensagens transmitidas e incentivadas pelos meios de comunicação de massa, falta de diálogo com os pais, solidão, etc.), é frequente o início de uma vida sexual precoce” (p. 48). E este início precoce e falta de informações pode levar estes jovens a adquirir DSTs e até mesmo ter uma gravidez não planejada.

Também surgiram nesta faixa etária questionamentos sobre relacionamento, com esta observação pode-se identificar a atratividade e o interesse sexual dos adolescentes nesta fase. Assim, entendemos que toda essa transformação biológica

e psicológica também acarreta em mudanças na convivência social. O adolescente começa a se relacionar com o “grupo”, inicialmente separados, meninas em um grupo e meninos em outro, no exercício da bissexualidade, Blos (1988) apud Brêtas et al., (2008) posteriormente, pouco a pouco, exercitam possibilidades de relacionamento com os outros.

O resultado da pesquisa no 8º ano, com faixa etária de 13 anos, apresentou dúvidas variadas, mas na grande maioria questionaram sobre a primeira relação sexual e a menstruação. Questionam sobre as transformações no corpo depois da primeira relação sexual, métodos preventivos, cólicas, sexo antes do casamento, dificuldades de relacionamento. Mas a grande questão nesta faixa é a perda da virgindade e gravidez. Três alunos não quiseram participar. Conforme dados apresentados na Figura 3.

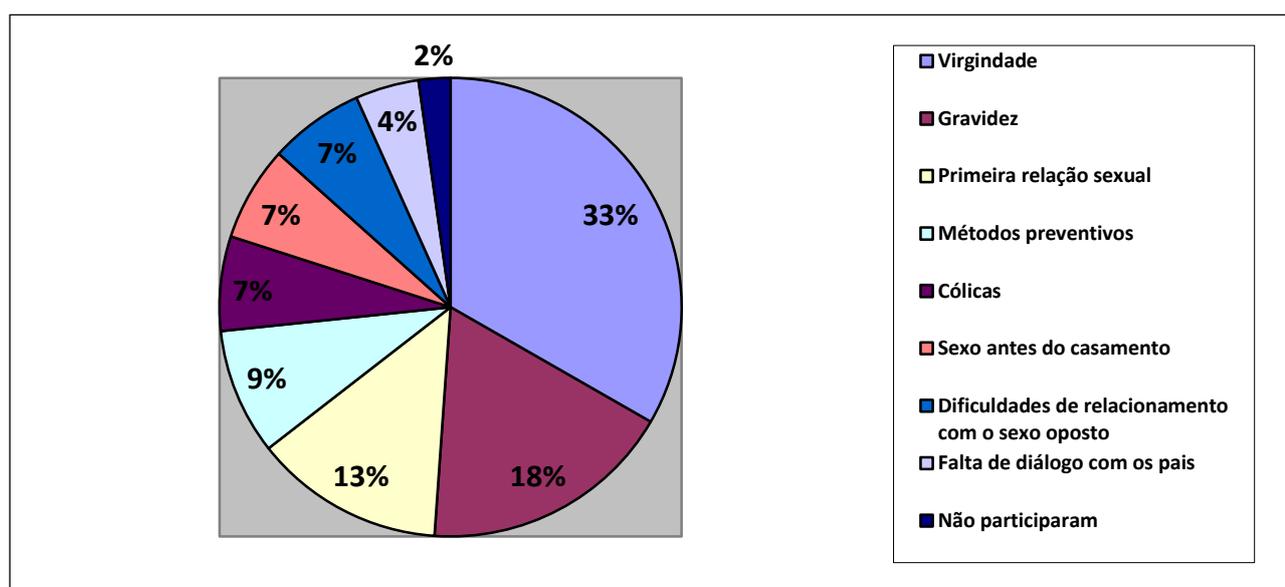


Figura 3 - Questionamentos dos alunos do 8º ano, com faixa etária de 13 anos.

Observando os dados da Figura 3, grande parte dos adolescentes desta faixa etária tem curiosidades sobre a primeira relação sexual indicando assim, segundo Desser (1993) apud Silva (2014) que a iniciação sexual pode acontecer como uma forma de satisfação à curiosidade natural, como meio de expressão de amor e confiança, mas também pode estar relacionada à solidão, carência afetiva e necessidade de auto-afirmação.

A iniciação sexual é, portanto um forte rito na vida dos indivíduos e de coletividades, pois é normatizada de acordo com parâmetros sobre a juventude, ciclo

privilegiado na simbologia de consumo, mitificada por meio da valorização do corpo e da saúde perfeita (Vianna, 1992 apud Abramovay, 2004), o que representa o controle sutil dos corpos e da sexualidade (Foucault, 1984 apud Abramovay, 2004). É comum, ao se discutir a iniciação sexual, dar-se ênfase ao lugar da individualidade, como construto da modernidade ou da afirmação da razão, do querer individual, contudo aquela não se afirma fora de formas socialmente sancionadas, ou seja de acordo com controles culturais (ABRAMOVAY, 2004)

No processo de desenvolvimento dos adolescentes observamos a iniciação sexual cada vez mais precoce. Para isso há inúmeras explicações plausíveis. Entre elas é a de que os jovens procuram adquirir status de mais maduro, obter uma sensação de autonomia e independência, testar a capacidade de criar intimidade, possuir uma noção de atratividade física e rejeitar as convenções sociais. Outra explicação, diz respeito, entre outros aspectos, ao fato dos mesmos sentirem-se sós e infelizes em casa. A religião e o respeito aos valores tradicionais quer sejam da sociedade ou da família, também podem representar um papel relevante na vida sexual dos jovens. Entretanto, mesmo a juventude religiosa e conservadora apresenta taxas surpreendentemente altas de atividade sexual (STRANSBURGER, 1992 apud SILVA, 2010)

Neste contexto sobre iniciação sexual cabe outro tema também questionado pelos adolescentes a virgindade e sexo antes do casamento, indicando forte cultura patriarcal. Apesar da visível iniciação sexual precoce alguns estudos de Brêtas et al. (2012) relata que a virgindade é considerada importante para quase a totalidade das meninas, resultado de uma educação norteada pela cultura patriarcal. Foi observado também neste estudo que uma grande porcentagem de meninos que consideram a virgindade um valor a ser preservado, mas supõe-se que estejam se referindo a virgindade das meninas com quem eles se relacionam e não a sua própria virgindade.

No que diz respeito à preferência de casar-se com alguém virgem, este resultado demonstra a forte valorização da virgindade feminina nas sociedades ocidentais, bastante marcante no Brasil, como apontou o estudo (Bozon, 2001 apud Martins et al., 2012) ao comparar os aspectos envolvidos na iniciação sexual, nas cidades do Rio de Janeiro e Paris, o que é coerente com autores ao afirmarem que “a idéia da virgindade como tabu está relacionada com a proibição social da relação sexual da mulher antes do casamento”(BARRETO & MIO, 2008 apud MARTINS, et al., 2012).

Quanto às dificuldades de relacionamento com o sexo oposto exposto pelos jovens adolescentes é uma indicação das buscas pela identidade e as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes nesta nova fase. Segundo Bastos e Deslandes (2009) apud Martins (2011), de modo geral a maior tarefa na fase da adolescência é a busca da identidade adulta. Além de mudanças corporais, há também mudanças no comportamento, mudanças emocionais e até mesmo mentais.

A falta de diálogo com os pais relatada pelos alunos é algo preocupante. Indicando a precariedade dos relacionamentos familiares e a falta de estrutura dos pais para lidarem com a sexualidade dos filhos.

Os autores Brêtas et al., (2005) apud Martins et al., (2012) consideram a dificuldade dos pais em lidar com a sexualidade de seus filhos por não terem a compreensão clara do que lhes aconteceu na passagem da adolescência para a vida adulta, seguindo um comportamento desinformado e reprimido, passado de geração em geração.

Portanto, sugere-se a necessidade de que a escola e os serviços de saúde assumam juntamente com a família o papel do educador sexual para os adolescentes, pois “a falta de orientação sexual leva o adolescente à desinformação, e, conseqüentemente, ao perigo” (XIMENES et al., 2007 apud MARTINS et al., (2012).

Para Fonseca (2004) apud Brêtas et al., (2012) a orientação sexual é prioritariamente uma competência da família, peça chave na identidade de gênero e no desenvolvimento dos papéis sexuais dos filhos.

Segundo Couto e Vale (2008) apud Martins (2011) essa é uma fase que necessita de muita compreensão por parte dos pais e também dos educadores, uma vez que os próprios adolescentes muitas vezes não sabem o que esta acontecendo com eles próprios, devido ao bombardeio hormonal, mudanças físicas e corporais, mudanças emocionais, de comportamento e até mesmo intelectuais.

A omissão dos adultos (tanto na família quanto na escola), induz os jovens a procurarem saídas para saciar as suas ânsias por conhecimento. A saída encontradas por eles é o consumo de material pornográfico (principalmente pelos meninos), revistas (sendo que as mais citadas foram Carícia, Querida e Ana Maria), filmes, conversas com os colegas mais velhos ou experientes do grupo. O problema é que esses colegas, geralmente (apesar da vivência prática) são tão inexperientes quanto eles. Dessa forma, esses indivíduos já tão carentes de informações de seus pais e de seus professores, quase sempre recebem dessas fontes “alternativas”, uma mistura

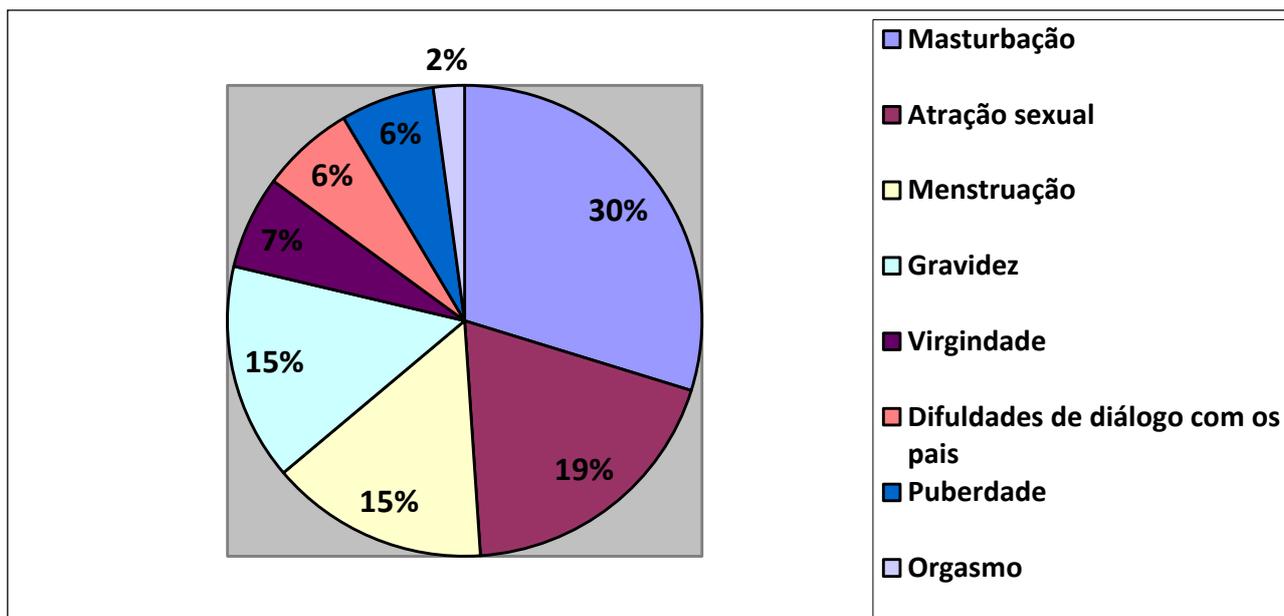
de verdades, meias verdades e até mentiras, que necessitarão de uma averiguação na vivência diária da realidade (ROCHA, 2000).

Os adolescentes do 8º ano também demonstraram interesse sobre gravidez e métodos preventivos, indicando que os jovens tem poucas informações sobre o assunto.

Como afirma Boruchovitch (1992) apud Silva (2011) em relação à utilização de anticoncepcionais, pesquisas mostram que adolescentes possuem poucas informações referentes aos métodos anticoncepcionais existentes, porem, a maioria é capaz de identificar pelo menos um desses métodos. Adolescentes do sexo feminino, geralmente sabem mais sobre anticoncepcionais do que os do sexo masculino. Os adolescentes tendem, também, a apresentar atitudes negativas sobre o uso de anticoncepcionais que é visto como um fator de interferência no prazer sexual, transformando o ato sexual em algo não natural e pré-planejado. Possuem, ainda, crenças errôneas de que a maioria dos métodos anticoncepcionais é incompatível com a baixa frequência e naturalidade de suas relações sexuais, bem como ideias de que o uso de anticoncepcionais é de responsabilidade de seu parceiro.

A gravidez na adolescência pode ser considerada uma consequência da emissão de um comportamento de risco da adolescente, como manter relações sexuais sem medidas contraceptivas, utiliza-las inadequadamente ou iniciar precocemente a atividade sexual. O planejamento da gravidez na adolescência, na grande maioria, não é realizado, acontecendo em decorrência de uma atividade sexual não planejada e não protegida. A falta de conhecimento do funcionamento do próprio corpo, a falta de suporte afetivo dentro das famílias, a busca de reconhecimento e aprovação constantes por parte dos grupos de companheiros e a deficiência de programas adequados tem sido em grande parte os responsáveis pelas estatísticas alarmantes de gravidez na adolescência (FREITAS, 2003 apud SILVA, 2011).

Os alunos do 9º ano, com faixa etária de 14 anos, apresentou dúvidas sobre masturbação, atração sexual, menstruação, gravidez, perda da virgindade, dificuldades de conversar com os pais sobre suas dúvidas, orgasmo e formação do corpo. Estes dados foram representados na Figura 4.



. Figura 4 - Questionamentos dos alunos do 9º ano, com faixa etária de 14 anos.

Como observado no gráfico da figura 4, os adolescentes com faixa etária de 14 anos tem várias questionamentos, mas a dúvida mais evidente é referente a virgindade. Como discutido nas dúvidas da série anterior, esta curiosidade evidencia a forte cultura patriarcal presente na nossa sociedade.

Segundo Brêtas et al., (2012) a virgindade é considerada importante para quase a totalidade das meninas, resultado de uma educação norteada pela cultura patriarcal. Foi observado também neste estudo que uma grande porcentagem de meninos que consideram a virgindade um valor a ser preservado, mas supõe-se que estejam se referindo a virgindade das meninas com quem eles se relacionam e não a sua própria virgindade.

Com relação aos questionamentos sobre masturbação, menstruação, orgasmo, puberdade e ate mesmo a já citada virgindade pode se concluir que o conhecimento destes adolescentes sobre sexualidade é baseado em mitos e tabus. Evidenciando assim o despreparo das famílias para tratar a sexualidade dos filhos.

Confirmando tal constatação Bonfim (2009) relata que no contexto familiar o tema sexualidade ainda encontra-se imerso em tabus e princípios morais fortemente enraizados gerando problemas e/ou dificuldades para a ampliação de espaços de diálogo entre pais e filhos. Muitas vezes, questões ou obstáculos de ordem sexual são construídos, desenvolvidos e perpetuados devido à influência da educação sexual recebida pela família de origem. Tal educação, transmitida e recebida na família, de

geração em geração, está impregnada por fatores que costumam trazer consequências marcantes para o comportamento e sexualidade de seus integrantes, visto que em alguns ambientes familiares as manifestações de sexualidade dos seus membros são contidas por meio de atitudes repressoras ou até mesmo através da omissão.

As dificuldades encontradas pelos adolescentes em ter diálogo com os pais sobre suas dúvidas segundo Gulo (2008) apud Andrade & Monteiro (2013) na sociedade atual, é também presente a realidade de pais não ter tempo, preparo ou disposição para discutir, abordar tais temas com seus filhos, enfrentam obstáculos a cumprir tal papel.

Para Rocha (2000) a orientação sexual é uma função familiar, mas muitos pais encontraram e encontrarão dificuldades, preconceitos, receios e, principalmente, despreparo para assumir essa tarefa. Isso acontece devido, a maioria dos pais teve uma educação rígida, reprimida e não sabe conversar sobre essa temática com seus filhos, pois nunca tiveram uma orientação sexual. E, por esse motivo, acaba transferindo essa responsabilidade.

As dúvidas referentes a gravidez nesta faixa etária indicam falta de orientação sexual, desinformação e dificuldades de diálogo com os pais.

Segundo Cardoso & Silva (2013), a falta de diálogo com os pais, assim como as dúvidas não esclarecidas a contento sobre a sexualidade são fatores de risco que podem levar a uma gravidez precoce ou a doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), como HIV/AIDS. Assim, o silêncio, a desinformação, a repressão, o medo e a vergonha de tratar sobre as questões da sexualidade dificultam a relação dos pais com os filhos, bem como a dos profissionais da educação e da saúde com esses adolescentes.

As questões referentes a cultura, a vergonha e o preconceito dificultam o relacionamento entre pais e filhos quando o assunto é a sexualidade, e os pais diante desses aspectos, condensam suas orientações em recados dados de maneira indireta, dificultando, assim, a compreensão destes pelos filhos (SOUZA, 2005 apud SILVA, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir através desta pesquisa que os adolescentes entrevistados tem muitas dúvidas sobre sexualidade biológica, falta a participação dos pais na

orientação sexual dos adolescentes e falta informações sobre métodos contraceptivos e preventivos.

Ainda hoje existe uma visão equivocada quanto à definição de sexualidade. As pessoas tem a sexualidade como sinônimo de sexo, não tem consciência de tudo que a engloba. Todas as transformações que o corpo adolescente sofre e suas alterações no humor e personalidade, a formação do caráter, as descobertas sobre o corpo, o turbilhão de sentimentos, relacionamentos entre meninos e meninas, influencias da cultura familiar, religiosa e da mídia.

Existem muitos mitos e tabus sobre sexualidade e as famílias tem demonstrado não ter estrutura para orientar os adolescentes formando assim uma geração cheia de meias informações e dúvidas que são divididas entre os próprios adolescentes. Os pais muita das vezes tem vergonha de abordar esse tema e foge de situações em que os filhos fazem perguntas.

Refletindo este contexto vê-se a necessidade de uma parceria da família com a escola. Desenvolver com os pais atividades dinâmicas para que eles tenham subsídios para orientar seus filhos e para que os pais se aproximem dos filhos criando assim um circulo de confiança, onde os adolescentes possam se sentir seguro e protegido.

REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR-14724. Informação e documentação: formatação de trabalhos acadêmicos. Rio de Janeiro, (jan/2006).

ABRAMOVAY, Miriam. Juventude e sexualidade / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AMADEI, Janete L. Sexualidade e prevenção para de doenças sexualmente transmissíveis: visão de adolescentes cursando escolas públicas. In: VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar, ISBN 978-85-8084-055-1, 25 a 28 de Outubro de 2011, Maringá, Paraná, Brasil, Anais eletrônico, CESUMAR – Centro Universitário de Maringá, Editora CESUMAR. Disponível em: <[http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anais/janete_lane_amadei%20\(3\).pdf](http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anais/janete_lane_amadei%20(3).pdf)> Acesso em: 08/11/2015.

AMORIM, Rita M.; MAIA, Ana C. B. Sexualidade na adolescência: Dúvidas de alunos de uma escola pública. 2012. Artigo disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/6290/4700>> Acesso em: 06/11/2015.

ALENCAR, Jaqueline. de M. Gravidez na adolescência: Nem planejada, nem evitada. 2005. 53f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências da Saúde – FACS, Brasília, 2005. Trabalho disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3060/2/20068929.pdf>> Acesso em 05/11/2015.

AQUINO, Camila.; MARTELLI, Andrea C. Escola e educação sexual: Uma relação necessária. In: IX ANPED SUL, Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012. Trabalho disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1105/800>> Acesso em 26/06/2015.

ANDRADE, Juliana S. V. de; MONTEIRO, Marlene M. A sexualidade e orientação sexual nas escolas. Psicologia.pt, ISSN 1646-6977, 2013. <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0823.pdf>> Acesso em: 12/12/2014.

BESERRA, Eveline P. Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: Uma pesquisa documental. 2008. Artigo disponível em: <<http://www.dst.uff.br/revista20-1-2008/5.pdf>> Acesso em: 07/11/2015.

BONFIM, Sandra. S. Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. 2009. 71f. Monografia (graduação) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação – Campos I, Curso de Pedagogia. Salvador. 2009. Trabalho disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-SANDRA-SOUZA-BONFIM.pdf>> Acesso em: 02/09/2015.

BRASIL. (1998). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF.

BRÊTAS, José R. da S. Aspectos da sexualidade na adolescência. 2008. Artigo disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n7/21.pdf>> Acesso em 08 de dezembro 2014.

BRETAS, José da S.; TADINI, Aline C.; FREITAS, Maria J. D. de; GOELLNER, Maila B. Significado da menarca segundo adolescentes. Acta paul. enferm. [online]. 2012, vol.25, n.2, pp. 249-255. ISSN 0103-2100.

Bouzas, Izabel; Braga, Claudia; Leão, Leonora. Ciclo menstrual na adolescência. Adolesc Saude. 2010;7(3):59-63.

CANO, Maria A. T.; FERRIANI, Maria das G. C.; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2000, vol.8, n.2, pp. 18-24. ISSN 1518-8345. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692000000200004>.

CARDOSO, Denise. M.; SILVA, Marcelo R. dos S. Uma análise sobre a sexualidade e a influência da mídia na adolescência: Identidade cultural contemporânea entre adolescentes de uma escola de Belém.[Editorial]. Revisa do Difere – ISSN 2179 6505, v. 3, n. 6, dez, 2013.

Eisenstein, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolesc Saude. 2005;2(2):6-7.

GARRITANO, Eliana. J. de B. O adolescente e a cultura do corpo. 2008. 165f. Dissertação (mestrado) - UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA MESTRADO EM PSICANÁLISE, SAÚDE E SOCIEDADE. Rio de Janeiro, 2008. Trabalho disponível em: <http://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_psicanalise/7_ELIANA_JULIA_DE_B_GARRITANOS-O_Adolescente_e_a_Cultura_do_Corpo.pdf> Acesso em: 08/11/2015.

GOMES, Ana P. M. J. Manifestações da sexualidade no comportamento dos adolescentes e a influencia da mídia. 2012. Artigo disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/445-4.pdf>> Acesso em: 15/10/2015.

GONÇALVES, Vera. L. R. Tensão pré menstrual (TPM) e fisioterapia – uma investigação mercadológica. 2001. Monografia (graduação) – Universidade Tuíuti do Paraná. Curitiba. 2001. Trabalho disponível em: <<http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2011/03/tensao-pre-menstrual.pdf>> Acesso em: 14/11/2015.

LIMA, Paulo. G. Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional. 2001, 317f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2001.

MARCHETTI, Silvana da S. Transformações biopsicossociais na adolescência: grupo terapêutico de deficientes visuais. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos>. Acesso em: 05/11/2015.

MAIA, Raquel F.; SILVA, Camila. P. da S.; MARQUES, Maria T. S. P.; FERREIRA, Katya C. V. A influencia da mídia na sexualidade do adolescente. [Editorial]. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v.5, n. 3, p. 109-117, 2006.

MAIA, Ana C. B. Reflexões sobre a sexualidade na adolescência. 2010. Artigo disponível em: < <http://www.profala.com/artpsico112.htm>> Acesso em: 08/11/2015.

MARTINS, Merielen C. F. Adolescência: um período de muitas mudanças- corpo e mente saudável. 2011. 21f. Monografia (Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental e Médio) Universidade Federal do Paraná. Trabalho disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/handle/1884/35435/MERIELEN%20CARVALHO%20FERREIRA%20MARTINS.pdf?sequence=1>> Acesso em: 07/11/2015.

MARTINS, Christine B. de G.; ALMEIDA, Fabiana M. de; ALENCASTRO, Lidiane C.; MATOS, Karla F. de; SOUZA, Solange P. S. de, Sexualidade na adolescência: Mitos e tabus. [Editoria] Ciencia y Enfermeria XVIII (3):ISSN 0717-2079, p. 25-37, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0717-95532012000300004&script=sci_arttext> Acesso em:13/11/2015.

MAROLA, Caroline A. G.; SANCHES, Carolina S. M.; CARDOSO, Lucila M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicol. educ.* [online]. 2011, n.33, pp. 95-118. ISSN 1414-6975.

NIEDERSBERG, Marcelo C. O papel da masturbação no desenvolvimento sexual do adolescente. [Editorial]. *Revista Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, n. 05, p. 188 – 198, jan/fev/mar, 2008. Disponível em: <www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php> Acesso em: 04/11/2015.

OLIVEIRA, A. & ROVITO, R. Tensão pré-menstrual. 2008. Trabalho disponível em: <<http://superclickmonografias.com/blog/?p=190>> acesso em: 08/11/2015.

OLIVEIRA, Marisa C. A. M. de; PAULO, Marta M. de. Influência da mídia no processo de desenvolvimento do adolescente. [Editorial]. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, ISSN: 1806-0625 periódico semestral, n. 10, ano VI, maio, 2008.

OLIVEIRA, Cristiano. L. de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. [Editorial]. *Revista Travessias – ISSN 1982-5935*, v. 2, n.3, ed. 04, 2008. Disponível em: <<https://materialinglesfe.files.wordpress.com/2012/11/texto-06-um-apanhado-tec3b3rico-conceitual-sobre-a-pesquisa-qualitativa.pdf>> Acesso em: 12/07/2015.

PASSOS, Paulo. M. C.; TAVARES, Djanira. A sexualidade na escola: Concepções e práticas na educação infantil. In: 2º CIEPD Congresso internacional de educação de Ponta Grossa – Paraná – Brasil. Anais. 2010.

PEREIRA, Cláudia. de P. A sexualidade na adolescência. Os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes. 2002. 82f. Dissertação (mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz Escola Nacional de Saúde Pública Mestrado em Saúde Pública Subárea Saúde e Sociedade. Rio de Janeiro. 2002. Trabalho disponível em: <<http://arca.icict.fiocruz.br/bitstream/icict/4964/2/633.pdf>> acesso em: 08/07/2015.

RATTI, Claudia. R.; AZZELLINI, Érica. C.; BARRENSE, Heloísa.; GROHMANN, Rafael. O tabu da menstruação reforçado pelas propagandas de absorvente. In: Intercom Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro – RJ. Anais. 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0436-1.pdf>> Acesso em: 14/11/2015.

RIBEIRO, Marcos. Educação sexual, Educação sexual e metodologia. 2011. Artigo disponível em: <

http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual_Marcos%20Ribeiro.pdf> Acesso em: 19/08/2015.

ROCHA, Viviane. D. Adolescentes e sexualidade. 2000. 28f. Monografia (graduação) – Centro Universitário de Brasília – Uniceub – Faculdade de Ciências da Saúde – FCS. Brasília. 2000. Trabalho disponível em: <<http://docplayer.com.br/7000140-Adolescentes-e-sexualidade.html>> Acesso em: 13/11/2015.

RODRIGUES, Brunela. P.; BRITO, Flávia. M. S.; CAMPANHARO, Wesley. A. Pesquisa qualitativa versus quantitativa. 2011. Trabalho disponível em: <[files.wendelandrade.webnode.com.br/200000173-9808299026/...](http://files.wendelandrade.webnode.com.br/200000173-9808299026/)> Pesquisa Qualitativa versus Quantitativa RESUMO.> Acesso em 02/07/2015.

SANTOS, M.M.J.F. Gravidez precoce: matéria da capa. Estado de Minas Gerais , Belo Horizonte, p. 4-5, 14 de maio, 2006.

SILVA, Gilvânia M. V. Gravidez na adolescência: uma visão macro sobre a ação e resultados deste ato. 2010. 37f. Monografia (Curso de Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde) - Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2010. Trabalho disponível em: <<http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2010silva-gmv.pdf>> Acesso em: 08/11/2015.

SILVA, Marli. de F. Sexualidade e gravidez na adolescência. 2011. 35f. monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Campos Gerais. 2011. Trabalho disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3005.pdf>> Acesso em: 04/11/2015.

SILVA, Simoni, Educação sexual no ensino médio do Colégio Barão de Limeira. 2014. 34f. Monografia (especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação especialização em ensino de ciências. Medianeira. 2014. Trabalho disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4212/1/MD_ENSCIE_IV_2014_90.pdf> Acesso em: 14/11/2015.

SOUZA, Leilane B.; FERNANDES, Janaína F. P., & BARROSO, Maria G. T. (2006). Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. Acta Paul Enferm, 19(4), 408-413.

SOUZA, Ramon A. de; SOUZA, Hamilton. R. de. Sexualidade no espaço escolar: Fobia, desrespeito e intolerância. In: XVI Encontro Nacional dos Geógrafos crises,

práxis e autonomia: espaço de resistências e de esperanças, espaço de diálogos e práticas, ISBN 978-85-99907-02-3, 2010, Porto Alegre – RS, Anais, Porto Alegre, agb, jun, 2010.

WTRS, WHO TECHNICAL REPORTS SERIES, 1975. Vivendo a adolescência. Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/sexualidade>> Acesso em 08/11/2015.